

Paulo Ferreira da Cunha

O essencial sobre

FILOSOFIA POLÍTICA
CONTEMPORÂNEA (DESDE 1940)

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

NOVELO(S) DO TEMPO

Crêterios para uma filosofia política contemporânea (desde 1940)

A mais recente parte da Idade Contemporânea no plano filosófico-político é o objecto deste último volume da série «O Essencial sobre Filosofia Política...». Versa sobre o período que vai de 1940, já começada, pois, a II Guerra Mundial, até à actualidade.

John Lechte, num empreendimento com algumas semelhanças com o nosso, mas votado especificamente à Filosofia em geral e não   Filosofia Política (*Fifty Key Contemporary Thinkers*, Routledge, 1994) enuncia desde logo escolas, correntes ou movimentos para classificar os seus autores. Assim, *grosso modo*, teríamos os autores das origens do estruturalismo, os estruturalistas propriamente ditos, os

pós-estruturalistas, os da semiótica, a segunda geração feminista, o pós-marxismo, a modernidade e a pós-modernidade. Idêntico procedimento é o de Jeremy Stangroom, também no âmbito filosófico geral, mas cronologicamente ainda mais lato: *Little Book of Big Ideas. Philosophy*, Londres A&C Black, 2006. E outros mais...

É sedutora a empresa, mas, apesar de não sermos nominalista, confessamos a nossa completa incapacidade em arrumar de forma definitiva e unívoca a mais de uma centena de autores aqui referidos. Alguns parecem caber em mais que uma prateleira. Outros são avessos mesmo às mais largas e generalistas.

O grau de subjectividade na identificação das correntes, dos respectivos autores e das suas relações aconselhou a que seguíssemos, outrossim, o modelo do último tomo desta série, dando entrada aos diversos autores cronologicamente, pelo momento da mais notória primeira aparição editorial de cada um, não no atinente à sua fama geral ou da sua mais conhecida especialidade, por vezes, mas no quanto toca ao seu contributo (ainda que implícito) para a filosofia política. E, para não transformarmos este livro numa torre de babel, só não traduzimos os tí-

tulos daqueles livros cuja forma na língua original nos pareceu intraduzível, muito significativa, ou com especiais ambiguidades ou sabor.

Evidentemente, a propósito de um livro de um dado autor, não se deixará de fazer referência aos que ele faz imediatamente lembrar, pela sua afinidade, ou, ao invés, pelo choque ou contradição. Por vezes, essa linha de mnemónica acaba por ir longe no tempo, e convocar autores mais distantes temporalmente, ou que, pelo menos, publicaram com êxito noutras datas mais afastadas, embora coevos do autor que os chamou à berlinda.

Cada vez mais árduo é falar em constantes. Elas são as que já referimos no volume anterior, com alguns episódios particularmente marcantes, como a queda do muro de Berlim, a crise das esquerdas, o retorno da política depois do apregoado fim das ideologias, a ascensão neoliberal e globalizadora, as guerras no Médio Oriente, as mutações religiosas no Mundo, com o crescimento de vários tipos de fundamentalismo, etc. De todas essas realidades novas se darão conta, por acção ou reacção, as diferentes correntes, movimentos, escolas e sobretudo autores: pois no autor e na sua obra é que se centra a presente síntese, como dissemos. Tal significa ainda que

não nos preocupamos com a história das ideologias, velhas e novas, na segunda metade do século xx. Aludimos incidentalmente a liberalismo, marxismo, democracia cristã, até a (neo)republicanismo, comunitarismo, ecologismo, ou feminismo, mas não é a história dessas correntes que expressamente nos importa aqui. Procurámos ficar aquém da fronteira epistemológica que divide (concedemos que mal e pouco: e com «passagens do Noroeste», como diria Michel Serres) a filosofia política da história das ideias políticas e da história das ideologias. E acima de tudo procurámos fugir à sedutora armadilha intelectual para quem dispõe de poucas páginas que seria embrenharmo-nos pelas teorizações da globalização, do multiculturalismo, da libertação animal, da pragmática, ou da pós-modernidade... e (talvez mais ainda) da teoria da Constituição, ou da própria Filosofia do Direito *tout court*. Embora, evidentemente, aqui e ali nos tenhamos cruzado com manifestações dessas perspectivas. Também optámos por não falar do contributo filosófico-político desse gigante da filosofia contemporânea que foi Martin Heidegger (1889-1976). Preferimos deixá-lo em sossego metafísico das lides da *polis* no eterno desterro da sua cabana de Todtnauberg, na Floresta Negra.

ÍNDICE

Novelo(s) do tempo

Critérios para uma filosofia política contemporânea (desde 1940)	3
Autores de filosofia política contemporânea	7
Tempo, conteúdo e estilo	19

Fio(s) dos anos

Demonismo do poder e totalitarismos	20
Albert Camus: o absurdo e a revolta	21
Capitalismo e socialismo em Schumpeter	22
Liberalismos, caminhos e servidões	23
Jean-Paul Sartre	33
Vue de Gauche. De Adorno e Horkheimer a Merleau-Ponty	36
Valores, virtudes, parentesco. De Ruyer a Lévi-Strauss	40
Género, «cor» e labor. De Simone de Beauvoir a Georges Friedmann	42
Personalismo e democracia cristã. Mounier	47

Hannah Arendt	48
Democracia grega e democracia actual. Moses I. Finley	55
Raymond Aron e Julien Freund	56
Norberto Bobbio	62
Paradigma perdido. Teilhard, Lévi-Strauss, Edgar Morin	66
Roland Barthes e as <i>Mitologias</i>	67
Guerra fria, tecnocracia, hermenêutica. De Jaspers a Gadamer	69
Outros poderes e micropoderes. Michel Foucault Kuhn e Levinas	72
Habermas e Luhmann	79
Lorenz e Girard	81
Antes e depois de Maio	83
Tensões e balanços. De Chomsky a Luc Férry e Comte-Sponville	86
Constitucionalistas e jusfilósofos. De Dworkin e Willey ao direito fraterno	91
Vazio, mal, crueldade, Europa e esperança. Steiner, Hessen, Borges, Ritter, Rosset	97
Origens e símbolos. Claval, Lacoste, Serres e Bourdieu	100
Pensamento débil e atracção do fim. Vattimo, Baudrillard, Fukuyama, Derrida, Zizek	105
Da teologia à ética e à estética políticas	107
Emancipação ou barbárie?	114
	122